



SOCIEDADE



ECONOMIA



MATEMÁTICA

dentro de cada

EM QUE ÁREAS HÁ

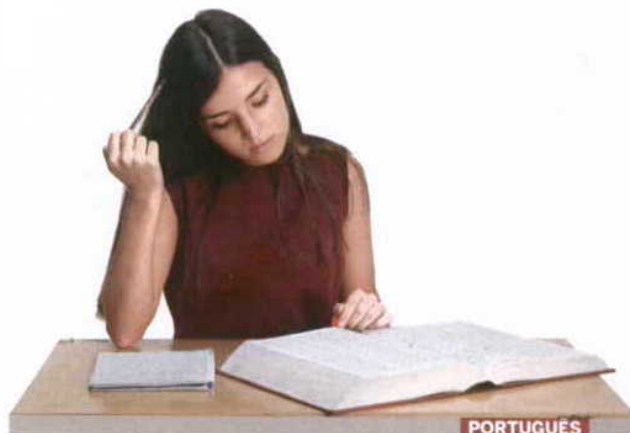
Novos dados permitem compor o retrato das áreas em que os alunos do básico e do secundário têm mais dificuldades nos exames. A VISÃO revela os números, analisados por especialistas

POR PAULO CHITAS E TERESA CAMPOS TEXTOS E GONÇALO ROSA DA SILVA FOTOS

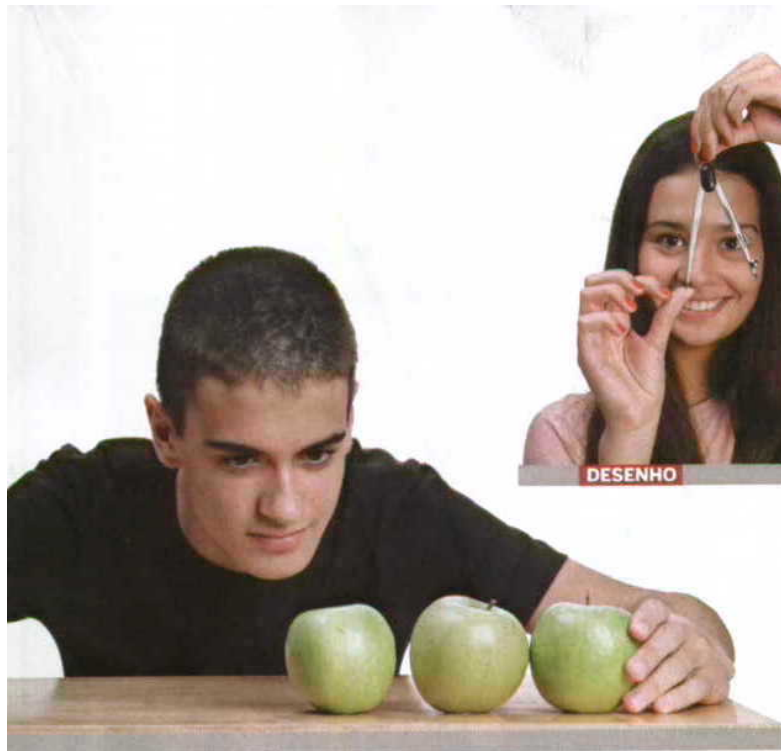
FÍSICA E QUÍMICA



GEOMETRIA



PORTUGUÊS



DESENHO



GEOGRAFIA

disciplina

MELHORES E PIORES NOTAS



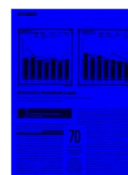
HISTÓRIA

O que vale um exame? Quando se deve fazer? Para que serve? Como influencia o papel dos professores? Desde que David Justino, ministro da Educação do Governo de Durão Barroso, introduziu os exames no 9.º ano, o panorama da escola portuguesa mudou. Hoje, os professores olham para os resultados como nunca tinham olhado. E, todos os anos, os alunos e as suas famílias esperam pela época das provas do 4.º ano, do 6.º ano, do 9.º ano e do secundário com ansiedade. «Um sistema educativo sem regulação externa está votado ao fracasso, mas um sistema que vive em função dos exames e centrado nos resultados também dificilmente evolui de forma positiva», nota Hélder Sousa, presidente do Instituto de Avaliação Educativa, instituição responsável pela produção das provas nacionais.

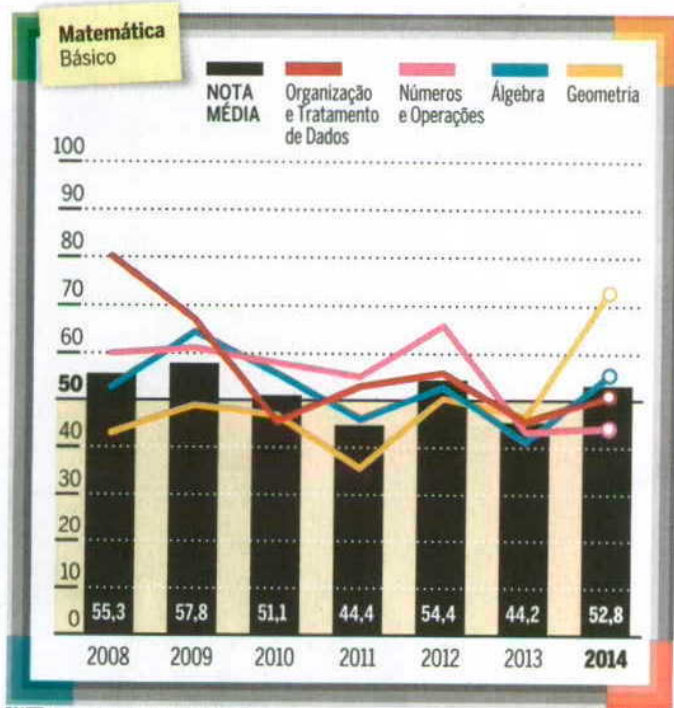
Os exames valem 30% da nota. Alguns especialistas ouvidos pela VISÃO consideram que deviam ter mais peso no acesso ao ensino superior, pois as escolas «inflacionam» as notas de frequência, que valem 70 por cento. Mas há também quem aponte o dedo a um ensino redutor, demasiado preocupado com resultados e apelando pouco ao raciocínio. Os dados da Pordata/Instituto de Avaliação Educativa que revelamos permitem ter uma ideia de como evoluíram os resultados desde 2008 (entre os alunos que frequentaram a disciplina, na primeira fase) e mostram as áreas em que os estudantes têm mais dificuldades. Ensinar para os exames? Ou «aprender pelo valor do que se aprende», como diz Hélder Sousa? A discussão segue dentro de momentos... ►



BIOLOGIA

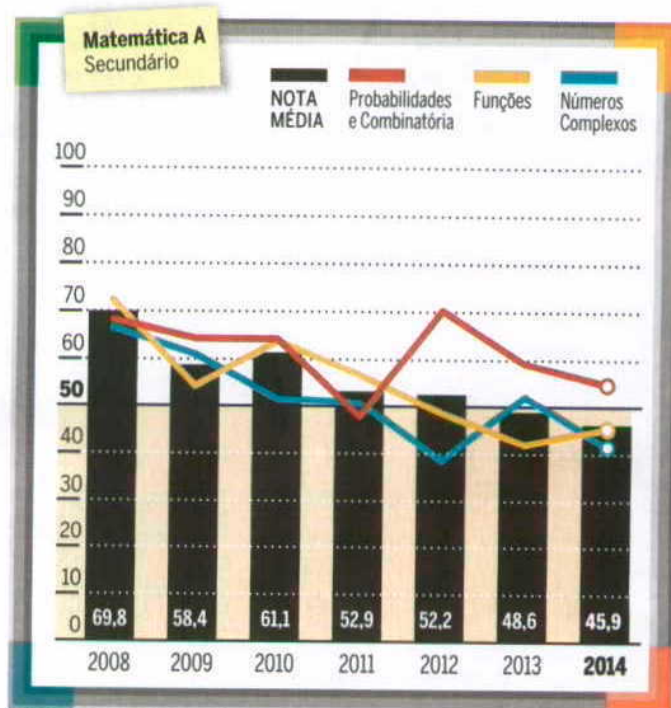


SOCIEDADE EXAMES



FONTE: Pordata/Instituto de Avaliação Educativa

INFOGRAFIA: MTR/VISÃO



FONTE: Pordata/Instituto de Avaliação Educativa

Matemática Formalismo a mais

Os novos currículos podem afastar os alunos da disciplina, por incidirem sobretudo no cálculo



Lurdes Figueiral
«Os alunos abominam o novo programa do ensino básico»

«NOS ÚLTIMOS DOIS ANOS, os exames foram desequilibrados face aos programas. Foram um instrumento de seleção em vez de cumprirem a função de avaliar os conhecimentos dos alunos.» Esta é a opinião de **Lurdes Figueiral, 55 anos, presidente da Associação de Professores de Matemática,** crítica das alterações que o programa da disciplina sofreu recentemente. Para a professora da Escola Artística Soares dos Reis, no Porto, a principal dificuldade é que as provas incidem, sobretudo, sobre o cálculo e a formalidade da Matemática. «Claro que os aspetos formais são importantes, mas a intuição também é importante», ressalva. Para a docente, regressou ao ensino da disciplina o espírito da Matemática Moderna, movimento que, nos anos 1960, pretendia aproximar-se do modo como a Ciência é realizada pelos investigadores – introduzindo, entre outros conteúdos, a teoria dos conjuntos e a álgebra formal nos currículos. «O desenvolvimento do raciocínio, da compreensão e uma metodologia assente na resolução de problemas seria mais adequado», defende.

O novo programa do ensino básico, revisto desde que o atual ministro, Nuno Crato, tomou posse, é o alvo maior

da sua fúria. «Houve progressos notáveis a Matemática. Mas desde que o novo programa entrou em vigor, que valoriza o formalismo, os alunos voltaram a abominar a disciplina», realça. Segundo Lurdes Figueiral, o fim do programa de formação de professores de Matemática, criado pela ministra Maria de Lurdes Rodrigues, também prejudicará a evolução positiva dos resultados que se vinha a verificar. Para esta professora, há uma excessiva valorização dos exames.

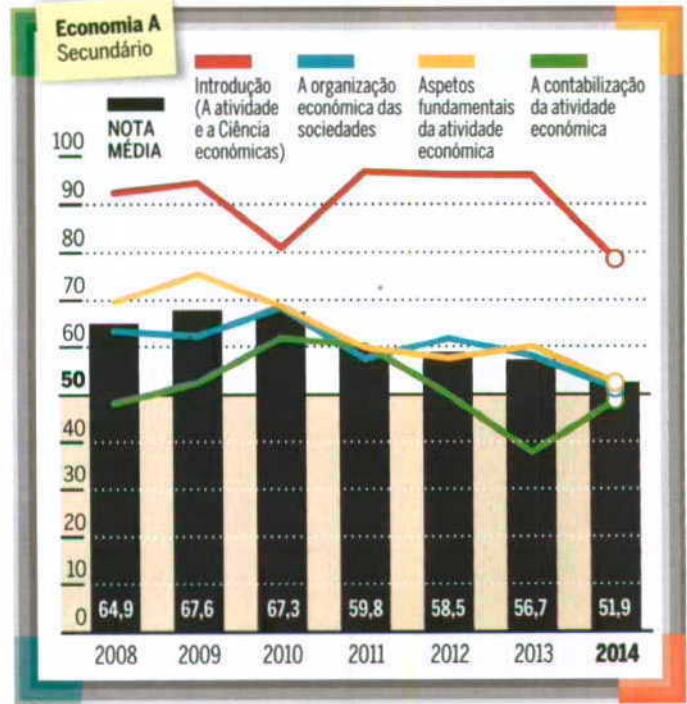
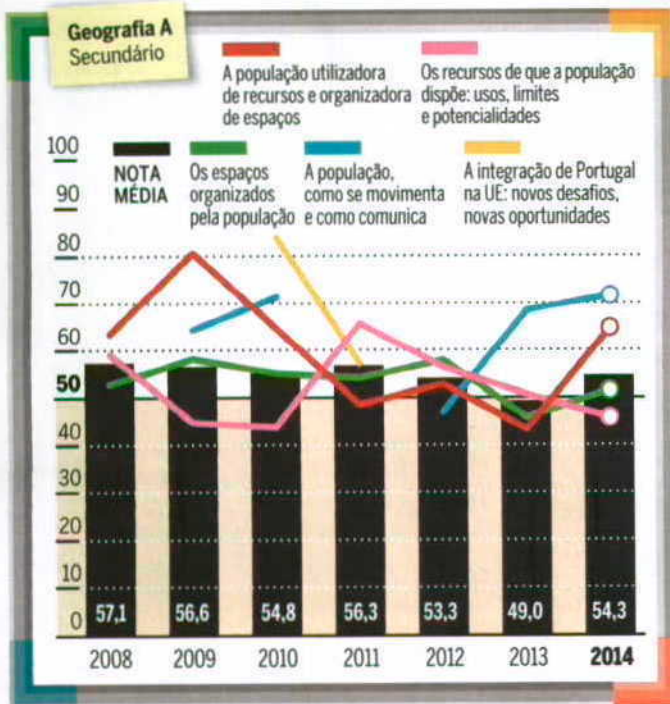
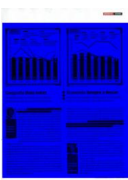
«A prática letiva tende a perverter-se: treinar para os exames torna-se um método. Mas a educação não é um treino», defende. Lurdes Figueiral explica ainda que o facto de «os números complexos» ser a matéria com médias mais baixas se deve a ser «tratada no final do ano letivo, num programa muito extenso».

Carlos Fiolhais, responsável pelo programa de Educação da Fundação Francisco Manuel dos Santos, defendeu, num artigo (*Um exame aos exames*) que «é difícil escapar à suspeição de existência de ciclos políticos nos resultados escolares». Para o também professor de Física da Universidade de Coimbra, os valores, em 2008, de 58% no exame de Matemática do básico, e de 70% no de Matemática A, «talvez se expliquem pela maior facilidade das provas». E quanto à diferença entre as notas de frequência da disciplina e as dos exames (mais altas as primeiras do que as segundas), defende que «a justificação de que estão a avaliar coisas diferentes não é suficiente». Por isso, propõe, «as notas de frequência deviam pesar menos no acesso ao ensino superior». PCH.

70 pontos

Média dos exames de Matemática A, em 2008

NO PERÍODO EM QUE MARIA DE LURDES RODRIGUES FOI MINISTRA, AS MÉDIAS DO EXAME DA DISCIPLINA FORAM MAIS ELEVADAS



Geografia Boas notas

A média positiva revela o empenho no trabalho de alunos e professores



Emília Lemos
«A média é sempre positiva»

SEGUNDO **EMÍLIA SANDE LEMOS**, presidente da Associação de Professores de Geografia, a oscilação de 2,8 pontos, numa escala de zero a 100, é perfeitamente normal, dado que não houve alterações do programa nem da carga horária. «A média é sempre positiva», refere a docente, contente com os bons resultados numa prova que cobre dois anos de matéria e implica uma abordagem científica no domínio da Geografia Física e da Geografia Humana de Portugal, bem como do seu enquadramento na União Europeia. «Onde surgem mais problemas é nas perguntas abertas, de desenvolvimento, quer devido à formulação quer ao elevado grau de dificuldade de interpretação e de domínio da escrita científica», adianta.

Já o exame de 2013 foi menos bem recebido: «A escolha de alguns aspetos específicos, bem como a sua formulação, puseram em causa a visão da prova como uma boa amostragem das aprendizagens realizadas pelos alunos ao longo de dois anos», recorda a docente, ou seja, acrescentou, o esforço realizado por alunos e professores. «Focavam pormenores pouco significativos das aprendizagens efetuadas, balizadas pelos programas e linhas orientadoras», insiste Emília Lemos. Para piorar o retrato, remata a responsável da APG, as perguntas de desenvolvimento estavam formuladas numa linguagem demasiado difícil para este nível etário. «Pela primeira vez, desde que há prova de exame, a média nacional dos alunos internos foi negativa.» T.C.

Economia Sempre a descer

Há mais estudantes a procurar a disciplina, mas os resultados não são melhores

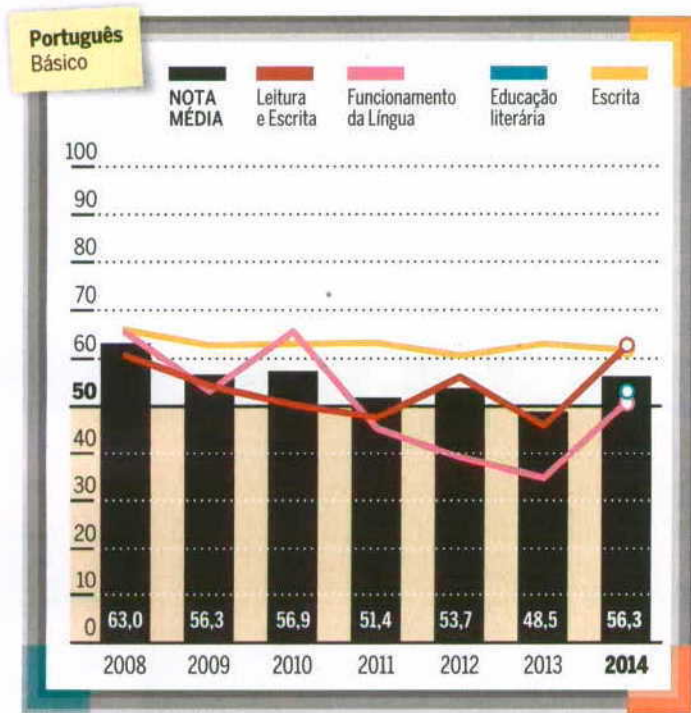
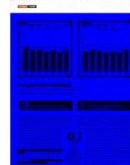
PERANTE ESTES QUADROS com os resultados dos exames do secundário dos últimos anos, um professor de uma instituição de ensino superior confessava que lhe «interessava mais um aluno com um bom raciocínio lógico do que com muitos conhecimentos de economia». E mais não quis adiantar. Não é o único a pensar assim: oiça-se **Jorge Rio Cardoso**, economista, técnico do Banco de Portugal e também professor no superior – e que chegou a dar aulas no secundário, entre 2008 e 2011. «O mais extraordinário é que os alunos demonstram melhores resultados no item de Introdução à Economia, o mais distante dos cursos universitários.» De resto, são exames que seguiram os exemplos de outros: passaram a incluir matéria de dois anos letivos (10.º e 11.º ano) e, claro, as notas baixaram.

«É curioso, porque até há mais alunos a realizar a prova», comenta Jorge Rio Cardoso, aventando que haverá mais procura desta área do conhecimento do que anteriormente. Mas, acrescenta, ao nível dos resultados, tem vindo sempre a baixar – e 2014 regista mesmo os piores resultados de sempre (51,9%), enquanto a média anterior apontava para um valor de 62,5 por cento.

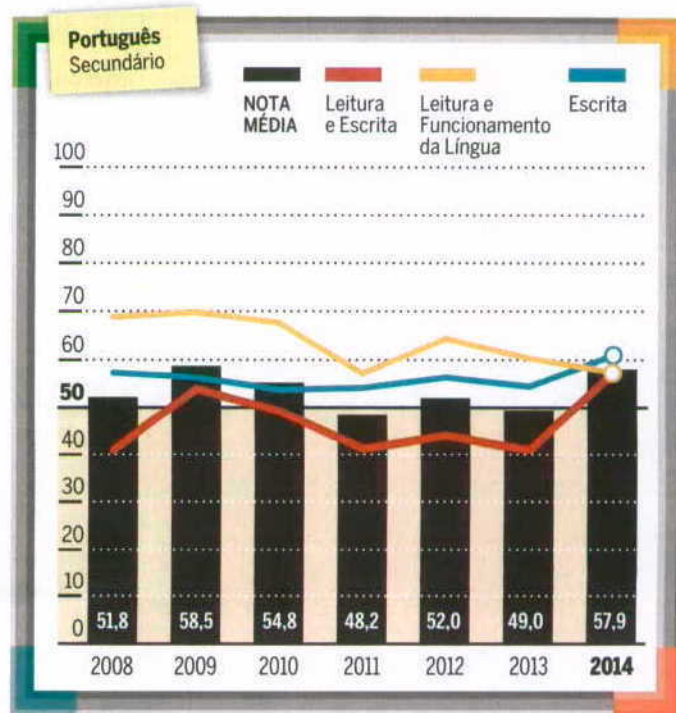


Jorge Rio Cardoso
«As provas não apelam ao raciocínio»

O pior, e aqui voltamos à ideia inicial, é que «procuram avaliar um conhecimento expositivo e que não apela ao raciocínio», diz este crítico do atual sistema de ensino. «O futuro não há de ser uma reprodução do que aconteceu, a escola vai ter de mudar.» T.C.



FONTE: Pordata/Instituto de Avaliação Educativa



FONTE: Pordata/Instituto de Avaliação Educativa

Português Falta estabilidade

As notas têm subido, mas o tipo de exame é sempre diferente: assim não há lugar a comparações...



Edviges Ferreira

«O texto foi analisado nas aulas, a prova era objetiva, os resultados não nos surpreenderam»



Maria do Carmo Vieira

«Não podemos concluir que há melhoria na preparação dos alunos»

EM 2011, QUANDO NUNO CRATO chegou ao Ministério, a média dos resultados obtidos pelos alunos na principal prova de Português do 12.º ano ficou bem longe da positiva, ou seja, pelos 48,2 por cento. Foi a primeira vez, em 15 anos de exames nacionais, que a nota se situava abaixo da fasquia dos 50 por cento. Nesse ano, um em cada 10 acabou mesmo por chumbar à disciplina – deixando o secundário por acabar. Desde que os exames haviam sido introduzidos, em 1997, só por uma vez, e sem incluir os resultados dos alunos que não frequentaram as aulas e se propuseram a exame, é que as médias tinham sido negativas.

Este ano, as notícias foram bem melhores, com a média a subir, saltando de uns negativos 49% para 57,9 por cento. «O texto foi analisado nas aulas, a prova era objetiva, os resultados não nos surpreenderam», avalia Edviges Ferreira, da Associação de Professores de Português. Mas como a estrutura dos exames se foi alterando de ano para ano, torna-se difícil, sublinha, medir a evolução dos resultados – seja em que ano for.

Oiça-se ainda Maria do Carmo Vieira, professora e autora do livro *O Ensino do Português*, apesar de nos confessar alguma dificuldade em valorizar as percentagens

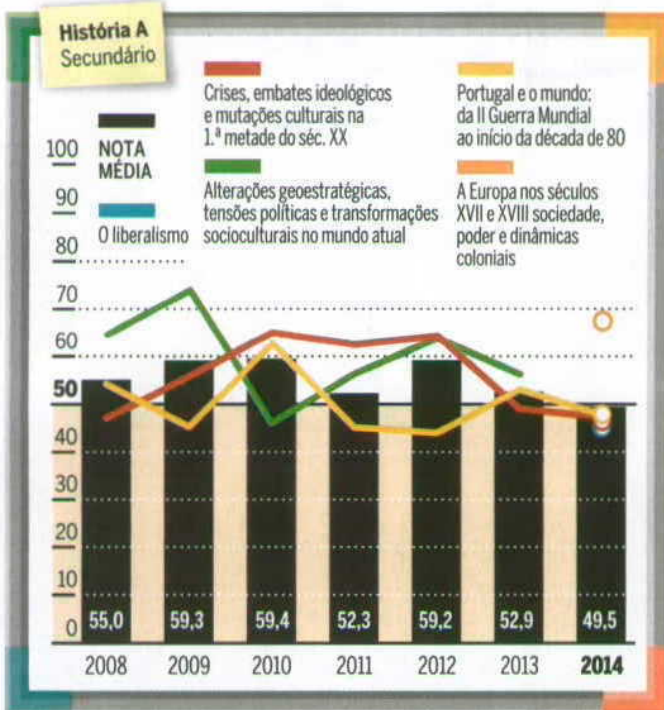
anualmente apresentadas, depois da realização dos exames. «Verifica-se que, no ensino básico, a tendência é de descida, e no secundário de relativa estabilidade», avalia, atribuindo as diferenças nos resultados à maior ou menor dificuldade dos exames. Mas, se a preparação dos alunos melhorou ou piorou, é algo que não se pode concluir: «O tipo de exame tem sido alterado todos os anos. Só seria possível fazer comparações se o programa fosse constante e o exame, com seu grau de dificuldade, também», refuta esta professora. Ao que parece, há exames para todos os gostos: «Ou são muito extensos, ou têm graus de dificuldade muito diferentes, de ano para ano.» Ou, como aconteceu este ano no básico, o programa mudou. «Ou os professores ficaram obcecados por preparar os alunos para o tipo de exame escolhido...», aponta ainda, compreendendo que são obrigados a isso, até pela avaliação que pesa sobre eles, confinando os alunos a um conhecimento pouco criativo e redutor. Declarações sobre melhorias nas notas dos exames são, por isso, no seu entender, algo «fraudulentas»: «Para serem sérias era preciso o Ministério decidir que, a partir de agora, os exames seriam sempre assim, para se poderem fazer comparações.» τ.

48,2

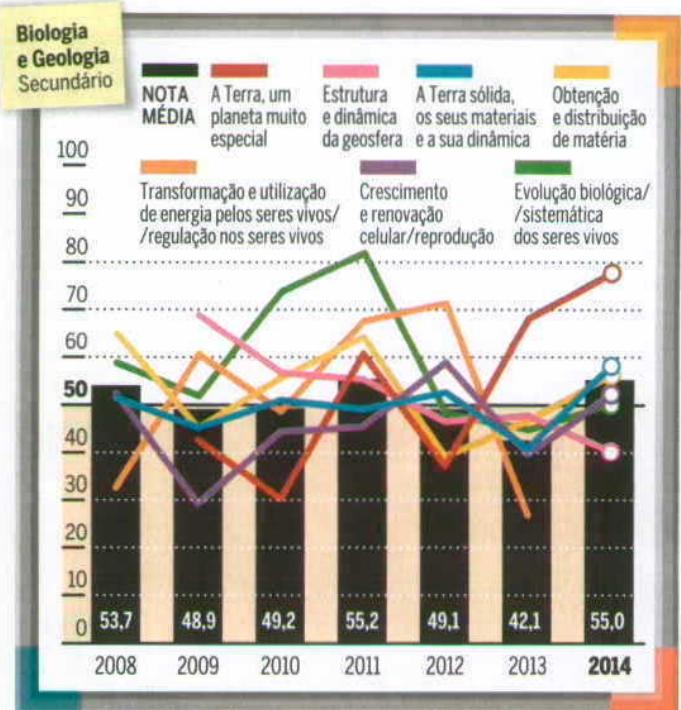
2011
MÉDIA DOS RESULTADOS DOS EXAMES DE PORTUGUÊS, NO ANO EM QUE NUNO CRATO ASSUMIU O CARGO NO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



SOCIEDADE EXAMES



FONTE: Pordata/Instituto de Avaliação Educativa



FONTE: Pordata/Instituto de Avaliação Educativa

História Esperar para ver

Falta tempo para verificar a tendência – positiva – dos resultados



Miguel Barros
«O exame vai incluir toda a matéria do secundário»

AS VARIAÇÕES DE NOTA ENTRE 2008 E 2013 são absolutamente normais, considera Miguel Barros, da Associação de Professores de História (APH), secundado pela sua colega Mariana Lagarto, independentemente de, até 2011, os alunos poderem escolher fazer exame na 1.ª ou na 2.ª fase (que apresentam questões diferentes) e, a partir de aí, terem obrigatoriamente de se inscrever na primeira época. Mas a quebra sentida em 2014, não tendo havido alteração do programa ou de tempos dedicados à disciplina, já lhes merece outro olhar: até agora, as perguntas pediam respostas mais abertas, cuja avaliação ficava sobretudo sujeita à interpretação do classificador. «Com

este novo modelo de exame, mais fechado e que inclui itens de seleção, como a escolha múltipla, ordenação ou associação, verificamos que os alunos demonstraram mais dificuldade», sublinham, apontando ainda o que pode ter feito toda a diferença: «Pela primeira vez, o exame incluiu não só a matéria do 12.º ano mas também do 11.º ano.» Em 2015, adiantam, avaliará todo o secundário, a partir do 10.º ano. Mais informação, avaliada de forma diferente e, além disso, em turmas maiores - chegam a ter 34 alunos, denunciam - teria de levar a resultados muito diferentes. Ainda assim, consideram que será preciso mais tempo para verificar a tendência de resultados que esta nova estrutura de exames irá produzir. «É bom lembrar que quando se introduziu uma nova estrutura de exame, em 2006, a média nacional foi de 8,4; em 2007 foi de 9,4 e só em 2008 foi de 11 valores.»

Biologia e Geologia Elogio do equilíbrio

Um programa «bem construído e adequado», considera a associação de professores da disciplina

PARA JOÃO OLIVEIRA, 43 ANOS, da Associação Portuguesa de Professores de Biologia e Geologia, a regularidade é o elemento que mais se destaca nos resultados dos exames. «Tirando os de 2013, que fogem à regra porque era maior a quantidade de perguntas de dificuldade elevada», nota o professor do Colégio da Rainha Santa Isabel, em Coimbra.

Quanto aos temas da disciplina, considera que os piores resultados em «Crescimento e renovação celular/reprodução» se podem dever ao tipo de perguntas que saem em exame. «Este domínio tem, com mais frequência, dados de experiência para serem interpretados», justifica. Por outro lado, imputa os resultados mais elevados a «Evolução biológica» ao facto de a matéria sobre a Teoria da Evolução ser querida dos alunos.



João Oliveira
«A prova de 2013 teve dificuldade elevada»

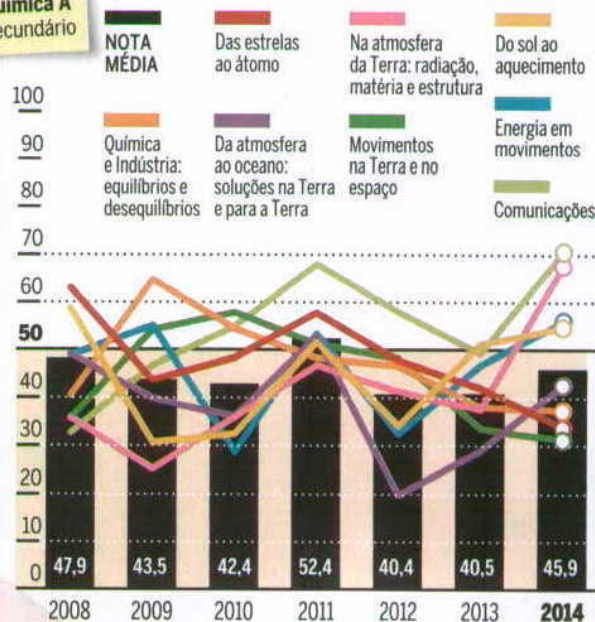
E o programa? «Bem construído, equilibrado e adequado», afirma. Quanto ao facto de as notas de frequência da disciplina serem bem mais elevadas - cerca de 67,5 em 100 -, para João Oliveira tal deve-se à circunstância de, nas aulas, serem avaliadas coisas diferentes, como as atitudes e os procedimentos laboratoriais. O professor sublinha ainda que a formação de professores da disciplina evoluiu muito nos últimos anos, havendo um grande número de docentes com pós-graduações. PCH



SOCIEDADE EXAMES



Física e Química A Secundário



FONTE: Pordata/Instituto de Avaliação Educativa

Física e Química O patinho feio

Tema difícil, programa mal organizado, provas exigentes – logo, os piores resultados nos exames nacionais



Teresa Peña, João Paulo Leal e Carlos Fiolhais
«Os resultados são muito baixos, porque os responsáveis pelos exames assim o querem»

ESTA É A DISCIPLINA do ensino secundário na qual os resultados dos exames são piores. Nenhuma outra apresenta dados negativos tão constantes: nos últimos sete anos, apenas em 2011 a média dos exames foi positiva (52 pontos, em 100).

«As médias são muito baixas porque os responsáveis pelos exames assim o querem. Não houve, até hoje, vontade de mudar», acusa **João Paulo Leal, 51 anos, da Sociedade Portuguesa de Química**. Representante desta sociedade científica junto do Instituto de Avaliação Educativa, a entidade responsável pela produção dos exames nacionais, João Paulo Leal suspeita de que haja «uma vontade deliberada de afastar os alunos desta área de ensino». E, nota, no 12.º ano, quando a disciplina deixa de ser obrigatória nos currículos dos cursos científicos, «o número de turmas de Física e Química passou para metade». Para o investigador do Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares do Instituto Superior Técnico, o conhecimento que há no IAVE dos resultados das provas, após quase uma década de exames, permitiria «fazer uma prova tão difícil como é habitual mas com resultados positivos». Bastaria, para

tal, mudar os critérios de avaliação, a composição da prova ou o peso que é atribuído a cada grupo temático.

Teresa Peña, 55 anos, presidente da Sociedade Portuguesa de Física, defende que os maus resultados da disciplina se devem, em

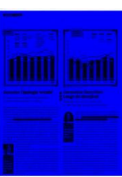
parte, à sua dificuldade intrínseca. «É uma ciência contraintuitiva», nota. Numa coisa, os dois cientistas estão de acordo: o programa atual da disciplina é inadequado. «O programa que deu origem a estes resultados aposta no ensino pelo exemplo. Por isso, os temas *core* da Física estão dispersos pelo programa, tornando a compreensão dos princípios mais difícil», observa. João Paulo Leal também discorda do modo como os temas estão organizados. «O programa tenta contextualizar o ensino da Química e acaba por dar mais importância ao contexto.» Por causa disso, diz, há uma grande dispersão dos temas.

Carlos Fiolhais, 58 anos, professor de Física na Universidade de Coimbra, e um dos autores do novo programa da disciplina para o secundário, afirma ter feito um esforço para reorganizar os temas, acabando com o ensino pelo contexto. «Dissemos aos professores para escolherem os exemplos que quisessem.» PCH.

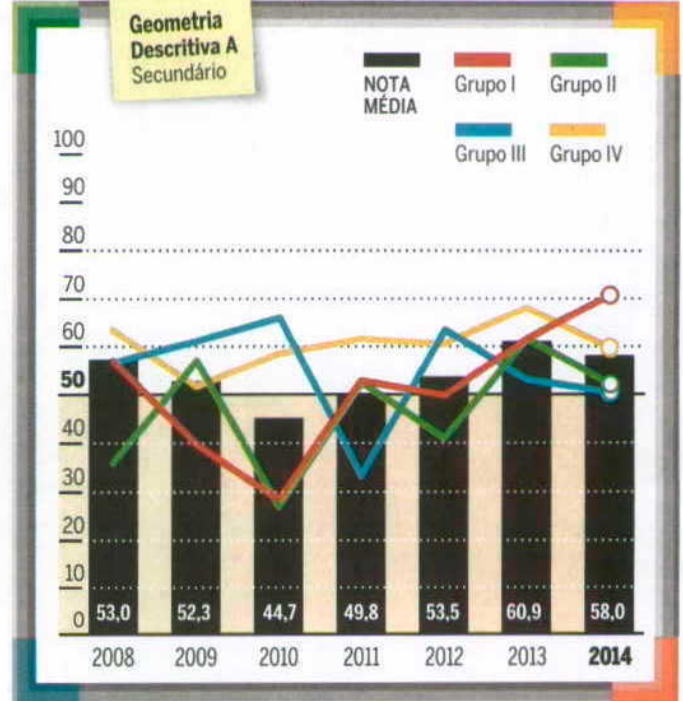
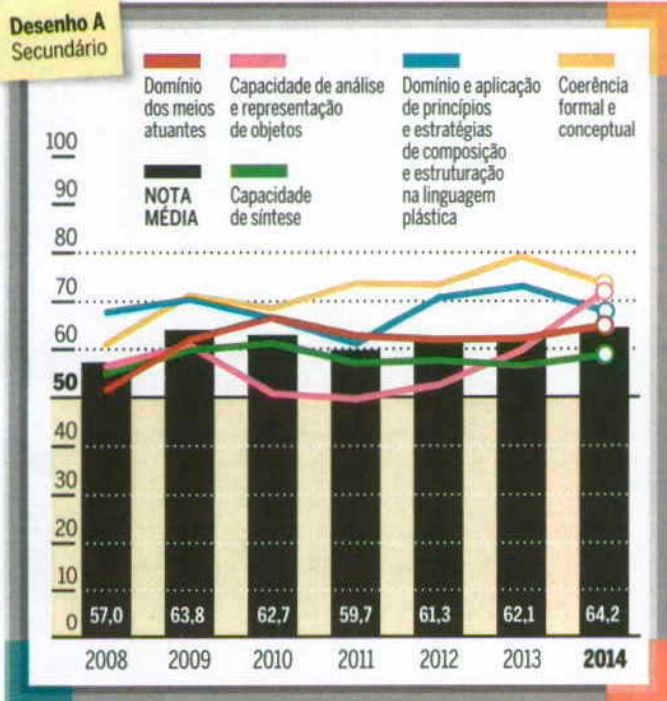
19,4 pontos

no subtema **Energia em Movimentos**

ESTA FOI A MÉDIA MAIS BAIXA EM SETE ANOS DE EXAMES, EM TODOS OS TÓPICOS DO PROGRAMA DE FÍSICA E QUÍMICA



SOCIEDADE EXAMES



FONTE: Pordata/Instituto de Avaliação Educativa

Desenho Tipologia 'errada'

O tipo de exame escolhido penaliza o aluno mais ousado e criativo

OS RESULTADOS SÃO, em média, positivos – mas nem por isso a Associação Portuguesa de Expressão e Comunicação Visual (APECV) faz uma boa avaliação da tipologia de exame que vem sendo escolhida para certificar o conhecimento adquirido ao longo do secundário. «E penaliza o aluno mais ousado e criativo», critica Isabel Trindade, vice-presidente da APECV.

A média mais baixa é do ano de 2008 – 57 pontos percentuais –, mas isso, avança a professora, deve-se à mais ao facto de ser o primeiro ano em que se efetuou um exame da disciplina. De fator surpresa, passou a rotina. «O problema é o modelo escolhido», afirma Isabel Trindade, «porque assim só se avalia a parte técnica, o que não é a forma mais adequada», considera. O comum, insiste a professora de Desenho, é ser-se avaliado por portefólio, com escolhas que, depois, os alunos fundamentam. Além disso, critica, o exame é sempre do mesmo género: «Até há uma técnica, sabe-se o que vai sair e depois é um treino que se faz.»



Isabel Trindade
«A arte é interventiva, pede pensamento»

O pior é penalizarem-se os alunos que vão além do que é pedido. «A arte é sempre interventiva, pede pensamento. Mas, no exame, nada disto lhes é solicitado», insurge-se a responsável por aquela associação, acrescentando que já fizeram chegar a sua posição ao Ministério, por intermédio do IAVE, o organismo público que «desenha» os exames. «No final do ciclo», diz, «o que se exige dos alunos é que saibam ler criticamente mensagens visuais de origens diversas e agir como autores de outras.» r.c.

Geometria Descritiva Longe do desejável

Há cada vez menos matrículas e uma desvalorização da disciplina



Vera Viana
«Notas não distinguem quem merece»

OLHANDO PARA OS GRÁFICOS com os resultados dos exames dos últimos anos, o que logo salta à vista a Vera Viana, da Associação de Professores de Desenho e Geometria Descritiva, é a redução do número de alunos que escolhem a Geometria Descritiva como disciplina de opção, no Ensino Secundário – há um decréscimo significativo, a partir de 2010. «É preocupante, porque denota uma desvalorização da disciplina.» As restantes alíneas não são mais animadoras: afinal, a prestação dos alunos tem-se situado muito aquém da desejável. «Apenas duas áreas de estudo têm resultados satisfatórios», afirma Vera Viana, entendendo que terão maior interesse para os alunos, por solicitarem a representação de sólidos geométricos. Tal como em outras disciplinas, os resultados também se alteram quando os processos de resolução são metodologicamente distintos. «O facto de os exames dos últimos anos apresentarem resultados satisfatórios reforça o que tem sido referido pela Associação: nenhum dos exames apresenta itens de resolução particularmente problemáticos ou que sustentem uma articulação entre competências mais elaboradas da disciplina», observa a dirigente daquela associação, considerando ainda que são exames pouco seletivos e que acabam por não distinguir positivamente quem merece maior destaque na classificação. «Este facto acabará, a curto ou médio prazo, por se revelar como contraproducente para a própria disciplina.» r.c.



SOCIEDADE EXAMES

David Justino

Presidente do Conselho Nacional de Educação

'Há escolas que fazem batota nas avaliações'

Segundo o ex-ministro da Educação, as provas nacionais deviam ser feitas a partir de um banco de perguntas testadas

POR PAULO CHITAS

> Ficou conhecido, enquanto ministro da Educação, pela reintrodução dos exames do 9.º ano. Continua a defendê-los? Sim, continuo.

> A quantidade de exames que hoje existe no sistema de ensino português é a desejável? Não tenho nada contra a existência de exames nos vários ciclos. O problema que se põe é que a função dos exames só tem sentido se a avaliação interna [realizada pelas escolas durante a frequência do aluno] for complementar dos exames. Mas isso não acontece – os exames têm um efeito de indução sobre as avaliações internas, que quase se resumem a avaliações sumativas.

> Então, os exames condicionam o modo como as aulas são dadas?

Não são as aulas mas o processo de avaliação. A questão é que as avaliações internas deviam ser indutoras de melhores aprendizagens, permitindo aos alunos estudar, investigar e verificar o seu conhecimento através de outros instrumentos que não sejam testes ou frequências. Muitas vezes recorre-se ao mais fácil, aos testes. Tem de haver outro tipo de instrumentos de avaliação complementares: um trabalho ou uma investigação que seja suscetível de avaliação. Por outro lado, se o primeiro ciclo tivesse seis anos em vez de quatro, dispensaria os exames do quarto ano.

> E defende esse princípio?

Sim. A organização do ensino primário devia ser de seis anos, em fases de dois anos cada uma. Os processos de aprendizagem eram desenvolvidos na lógica de seis anos em vez de quatro. Neste caso, faria sentido os exames no 6.º ano, no 9.º ano e no 12.º ano.

> A introdução dos exames condicionou o modo como o programa é dado? Hoje, ensinar uma disciplina é ensinar automatismos para resolver problemas?

A aquisição de conhecimentos e de competências faz-se através de automatismo, de treino. Os mecanismos de compreensão são indissociáveis dos processos, das técnicas, dos automatismos. Não podemos separar uma coisa da outra. Memorizar, ter rotinas, não é um problema.

> Alguns professores e especialistas notam que a diferença entre as notas internas e as dos exames são muito grandes.

Há um conjunto de escolas, que, na minha opinião, de forma reitera-



LUIS BARRA

Retenção Os exames não aumentam os chumbos, defende

da, dão uma classificação muito superior à que os alunos têm em exame. Estão a inflacionar a classificação. E isto tem uma consequência: como uma nota de exame só vale 30%, a inflação acaba por favorecer os alunos na nota de entrada do ensino superior. Há escolas que fazem batota nas avaliações.

> Os exames aumentaram a retenção de alunos?

No longo prazo, não. Temos exames no final do secundário, há 20 anos, e, desde 2005, no 9.º ano. Ora, neste período, a taxa de retenção dos alunos [os chumbos] baixou.

> Mas nos últimos três anos tem aumentado...

No Conselho Nacional de Educação verificámos que, em algumas escolas, aumentou muito a retenção. Porque, presumimos nós,

a necessidade de garantir uma certa média para a escola, nos *rankings*, leva a colocar de fora os alunos mais fracos. Para não estragar a média da escola. Por isso, faço uma sugestão: que, em todas as disciplinas, todos os alunos possam ir a exame.

> As avaliações internacionais do ensino português, como o PISA, mostram que houve melhoria dos resultados. Isso deve-se aos exames?

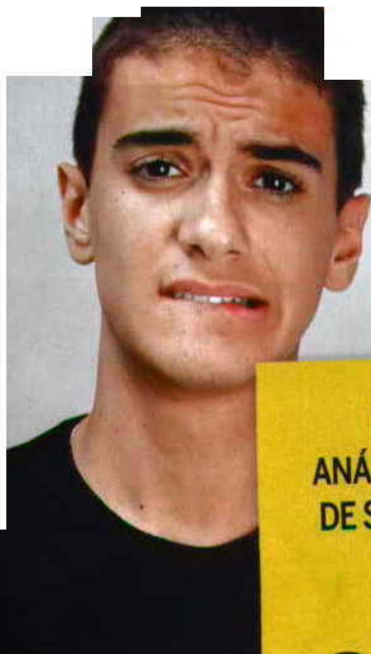
Deve-se, em primeiro lugar, ao facto de os atuais alunos terem pais mais escolarizados. Em segundo lugar, as escolas mudaram muito a sua cultura: há 15 anos, a questão dos resultados não era importante, o que interessava eram as boas intenções. Em terceiro lugar, acho que temos melhores professores. A melhoria dos resultados do PISA [Programa Internacional de Avaliação de Alunos] espelha a combinação destes fatores.

> Como avalia o trabalho do Instituto de Avaliação Educativa [IAVE]?

Tem havido alguma estabilidade em relação à elaboração dos exames. O trabalho é positivo. Mas sempre defendi que devia existir um banco de itens aferido.

> Pode explicar melhor?

Uma prova tem de ter um certo número de questões de nível de dificuldade baixo, médio e elevado. Estas perguntas têm de ser testadas e aferidas, que é o que acontece, por exemplo, nos EUA. Depois, quando é necessário fazer um exame, vai-se a esse banco buscar as questões. Devíamos passar a fazer esse trabalho: dava mais segurança aos exames. ▣



DOSSIÊ ESPECIAL
ANÁLISE COMPLETA AOS RESULTADOS
DE SETE ANOS DE PROVAS NACIONAIS

ONDE OS ALUNOS FALHAM NOS EXAMES

Em que áreas,
dentro de cada disciplina,
há melhores
e piores notas

